



Outros modos de exercer a profissão: o que aprendemos com o ensino remoto?

“BASTA DAR ASAS QUE ELES VOAM!": O DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR, DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.

LIMA-RODRIGUES, Luzia Mara

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Setúbal & Instituto de Educação – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. luzia.rodrigues@ese.ips.pt

Resumo

O Desenho Universal para a Aprendizagem – DUA, é uma forma de planejar o currículo para que seja acessível e leve à aprendizagem de todos os alunos (Zerbato & Mendes, 2018). Basicamente, trata-se de: 1) valorizar os diversos interesses que os alunos possam ter ao se envolverem numa tarefa de aprendizagem, 2) utilizar diversas vias para colocar os alunos em contato com o conteúdo a aprender, e 3) permitir que os alunos expressem o que sabem de múltiplas formas (Lima-Rodrigues, 2017). Uma Unidade Curricular planeada segundo o DUA dá ênfase às motivações dos estudantes e é organizada de forma a “acionar” equitativamente os diversos estilos de aprendizagem (auditivo, visual e cinestésico), tanto ao abordar o conteúdo quanto ao avaliar. Em Portugal, o DUA tem sido utilizado no ensino básico e figura claramente no normativo da Educação Inclusiva. Nesta comunicação, apresentaremos como o DUA tem sido utilizado no Ensino Superior durante a pandemia, nos cursos de Licenciatura em Educação Básica, de Mestrado em Educação Pré-Escolar e de Gestão e Administração de Escolas, e da Pós-graduação em Educação Especial do Instituto Politécnico de Setúbal, bem como do Mestrado em Educação Especial da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ambas Instituições de Ensino Superior de Portugal. Apresentaremos exemplos de Unidades Curriculares cujas metodologias de ensino e avaliações foram inspiradas pelo DUA; exemplos de momentos de avaliação dos estudantes; relatos de alguns alunos sobre as suas próprias “realizações” (produtos de aprendizagem) e sobre o “sentimento de realização”, ao aprenderem e serem avaliados em UC onde o DUA foi utilizado. Espera-se que esta comunicação seja geradora de reflexão e contribua para o desenvolvimento de práticas de ensino mais estimulantes e mais inclusivas também no ensino superior - e não só para estudantes com dificuldades.

Palavras-Chave: Desenho Universal para a Aprendizagem; Aprendizagem Baseada na Ação; Métodos Ativos; Ensino Remoto de Emergência; Pandemia de Covid-19.



“Basta dar asas que eles voam!”: o Desenho Universal para a Aprendizagem no ensino superior, durante a pandemia de covid-19.

Uma forma universal de planejar as aprendizagens

UDL: Universal Design for Learning. A tradução para o português, DUA: Desenho Universal para a Aprendizagem, não é a mais feliz, no nosso ponto de vista. “Design” seria mais “planeamento” ou, talvez, “organização”, do que propriamente “desenho”. Isto porque o DUA é uma forma de planejar o currículo para que seja acessível e leve à aprendizagem de todos os alunos (Zerbato & Mendes, 2018). Basicamente, o DUA tem três princípios:

- 1) valorizar os diversos interesses que os alunos possam ter ao se envolverem numa tarefa de aprendizagem,
- 2) utilizar diversas vias para colocar os alunos em contato com o conteúdo a aprender, e
- 3) permitir que os alunos expressem o que sabem de múltiplas formas (Lima-Rodrigues, 2017).

Em Portugal, o DUA tem sido utilizado no ensino básico e figura claramente no normativo da Educação Inclusiva. Neste artigo, apresentamos como o DUA tem sido utilizado no Ensino Superior durante a pandemia de Covid-19, nos cursos de Licenciatura em Educação Básica, de Mestrado em Educação Pré-Escolar e de Gestão e Administração de Escolas, e da Pós-graduação em Educação Especial do Instituto Politécnico de Setúbal, bem como do Mestrado em Educação Especial da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ambas Instituições de Ensino Superior de Portugal.

Múltiplas formas de envolvimento

Quem é da área da educação sabe que não há aprendizagem sem motivação. Envolver um aluno num processo de aprendizagem é o primeiro princípio do DUA. O primeiro passo, portanto, é conhecer os interesses, as experiências e até um pouco da história de vida do estudante para obtermos informação diversa e necessária para tornar as aprendizagens mais significativas (Lima-Rodrigues, 2017). Utilizar estes dados é útil para fazer pontes entre os alunos e os saberes que se pretende que desenvolvam. Para um grupo de professores em formação inicial, por exemplo, iniciamos uma Unidade Curricular (UC) com uma atividade onde cada aluno construiu um texto que respondesse às seguintes questões:



1. O que recebi de melhor e de menos bom da minha família?
2. Tive alguém que me ensinou conteúdos escolares fora da escola?
4. Fiz o pré-escolar? Quais são as lembranças afetivas, cognitivas e motoras que tenho desta época?
5. Em que escola(s) fiz a escolarização até ao 12º ano? Como era "aprender" nestas escolas?
6. Estou no curso superior que queria?
7. Que professores gostei mais ao longo da vida e porquê?
8. Que professores gostei menos ao longo da vida e porquê?
9. Sentia-me bem na escola? Quando me sentia menos bem?
10. Houve aulas que gostava mais? Porquê?
11. E aulas que gostava menos? Porquê?
12. A escola encontrou forma de me ensinar da mesma forma como eu aprendia?
13. Como foram as relações com os meus colegas?
14. As 3 palavras-chave que definem a minha escolarização, são:

Neste período, as aulas estavam a decorrer em Ensino Híbrido. Os alunos presentes foram divididos em subgrupos, enquanto os estudantes que estavam online foram colocados em salas simultâneas do Zoom, para conversarem sobre os textos produzidos. A seguir, reunidos novamente em turma presencial e online, simultaneamente, fizeram uma síntese do quanto a história de vida dentro e fora da escolaridade influencia o papel de professor que irão desempenhar num futuro breve. Por fim, cada aluno fez um mapa conceptual do próprio texto, fotografaram e partilharam na Plataforma Moodle da UC.

A partir de então, sempre que possível, os exemplos dados na UC procuravam retomar trechos que emergiram desta atividade. Os conteúdos desenvolvidos a partir deste momento também procuravam estabelecer relação com as experiências e interesses em geral dos alunos, tornando as suas aprendizagens mais significativas. Em suma, o processo de aprendizagem seguia uma lógica que ia do vivido para o refletido, do concreto para o abstrato, da ação para a reflexão, da experiência individual para a fundamentação teórica.

Múltiplas vias para abordar um conteúdo



Este segundo princípio do DUA prende-se com oferecer aos estudantes um acesso equitativo e diversificado à informação e ao conhecimento. Isto não descarta os momentos expositivos, de sistematização e síntese da matéria por parte do professor. A diferença é que, num registo mais tradicional de aulas, sobretudo no ensino superior, esta acaba por ser uma das únicas formas de ensinar (Lima-Rodrigues, 2011, 2017) Para ter acesso ao saber, o aluno ouve e o professor fala. Em algumas situações, a utilização do PowerPoint ou de outro recurso parecido é a única forma alternativa à fala do professor. Como o DUA, outras formas de abordar o conteúdo são trazidas para o contexto de aula. Por exemplo:

- Explicações detalhadas e dialogadas,
- Imagens (vídeos... fotos... cartoons...),
- Experiências, conhecimentos e opiniões dos alunos/colegas,
- Debates e reflexões,
- Leituras,
- Dinâmicas de grupo,
- Pesquisas,
- Docentes convidados (aulas abertas),
- Dramatizações,
- PowerPoint, Prezi, PowToon...
- Etc.

Desta forma, o acesso à aprendizagem é universal, porque os alunos que aprendem melhor ao ouvir têm a voz do professor ou de um vídeo. Os alunos que aprendem melhor a fazer, têm as dinâmicas de grupo ou as dramatizações (Lima-Rodrigues, 2011). Os alunos que aprendem melhor a ver, têm as leituras ou as imagens ilustrativas.

Múltiplas formas de os alunos expressarem o saber

Cada vez menos vemos os regulamentos de frequência e avaliação de cursos do ensino superior incluírem a obrigatoriedade de um teste escrito individual, como ocorria anos atrás. Os dispositivos de produção dos alunos para a avaliação tanto formativa quanto sumativa têm sido os mais variados e há uma abertura, em muitos destes regulamentos, permitindo que esses dispositivos “resultem da iniciativa do(a) professor(a) ou do(a) estudante e revestir várias formas -



veja-se, por exemplo, o Regulamento de Frequência e Avaliação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (2012, p. 9). O terceiro princípio do DUA vai exatamente neste sentido: permitir aos alunos múltiplas formas de expressarem o saber. De novo não significa excluir os testes escritos. Significa acrescentar a possibilidade de os alunos serem avaliados de outras formas e poderem mostrar aquilo que sabem, não só de forma escrita mas também através de uma dramatização (Lima & Liske, 2004), da construção de uma maquete, da elaboração de mapas mentais, da representação através de desenhos, figuras, imagens e vídeos, da realização de entrevistas e tantas outras formas possíveis de demonstrarem aquilo que aprenderam e o quanto as suas habilidades, saberes e conhecimentos se desenvolveram (ou não!).

O que nos mostrou a investigação sobre o DUA no Ensino Superior?

Em março de 2021, aplicamos um questionário construído na ferramenta Google Forms, ao total de 151 estudantes das UC que lecionamos no 1º semestre de 2020-2021 e que tiveram o DUA como metodologia de ensino. Obtivemos resposta de mais de 50% dos alunos de cada UC, num total de 115 (76,16%) respondentes.

À pergunta “em geral, sentia-se motivado a participar nas aulas”, 63,4% dos alunos responderam “sempre”, porque “as aulas eram muito interativas”, “nossa participação era tida em consideração”, “havia abertura para falarmos de todos os assuntos”, “o método de ensino foi o melhor que já tive” ou “é uma UC que aborda questões muito importantes”.

Dos 33,9% que responderam quase sempre, emergiram justificações como “existia comunicação/debates sobre diversos assuntos da nossa sociedade e quotidiano”, “por vezes o ‘excesso’ de interação de alguns alunos perturbava o objetivo principal da aula”, “o confinamento desmotivou em alguns momentos”, “havia uma grande carga de trabalho de outras UC” ou porque “às vezes o cansaço é mais forte”.

Os 2,7% que responderam que se sentiam motivados às vezes atribuíram às aulas com apresentação de trabalhos e às aulas online.

0% sentiu-se motivado nunca e quase nunca.

Quanto à forma como o conteúdo era abordado, o que menos agradava os alunos, 75% responderam “nada” ou “não me lembro”, 10% “ser online ou misto” e as restantes respostas distribuíram-se em “aulas expositivas”, “trabalhos de grupos”, “falta de interesse no tema”, “pouco tempo da UC”, “aulas com dinâmicas de grupo”, “dificuldade em ouvir quando as aulas eram no exterior”. Quanto ao que mais agradava os alunos: “haver aulas no exterior”, “clima de confiança”, “conteúdo relevante”, “dinamismo”, “desafio à reflexão”, “diálogo e interação”,



“receber docentes convidados”, “usar exemplos reais”, “clareza”, “exposição dos alunos”, “humor”, “metodologia cooperativa”, “multiplicidade”, “simplicidade” e “utilização de vídeos”.

As aulas em que aprendiam menos bem aconteciam: 60,2% quase nunca, 25% poucas vezes, 13,9% algumas vezes, 0,9% muitas vezes e 0% quase sempre. As aulas em que aprendiam melhor aconteciam: 55,6% quase sempre, 37% muitas vezes, 7,4% algumas vezes e 0% poucas vezes e quase nunca.

Em resposta a “em que medida pôde mostrar ‘o seu melhor’ na avaliação desta UC, seguem alguns excertos:

Houve oportunidade de apresentar da forma que para nós fosse mais confortável. Assim pudemos, da forma que cada um se sentiu mais à vontade, demonstrar o que sabíamos.

A minha forma de expressar normalmente é através de demonstrar e explicar escrevendo. A professora permitia que nos expressássemos frequentemente.

Foi plenamente valorizada já que permitiu diferentes formas de apresentação.

Sim, sempre. Fomos respeitados nas nossas diferenças e maneiras de pensar. Houve diálogo. Trabalho escrito. Bastante completo para tão pouco tempo.

Foi muito difícil devido à situação das aulas online, não me consegui expressar, pois as distrações eram inúmeras e a motivação era pouca. Gosto de me expressar pessoalmente, com gestos, desenhos, palavras e online é muito difícil.

Através de um desenho. As ilustrações que fazia (esquemas, desenhos) ajudavam-me a aprender.

Para os respondentes, a metodologia de ensino adotada funciona melhor: 60% tanto em aulas presenciais quanto online, 20% em aulas presenciais, 10% em aulas online, 5% em aulas híbridas e 5% em aulas tanto online quanto híbridas. Mas, se pudessem escolher, 60% escolheriam aulas presenciais, 25% não têm preferência entre presenciais ou online, 10% preferem online e 5% não escolheriam aulas híbridas, quando uma parte da turma está presencial e outra parte online.

Conclusões

O Desenho Universal para a Aprendizagem é uma metodologia de planeamento universal para que a aprendizagem de todos e de cada aluno aconteça. É uma abordagem inclusiva à organização do currículo, pois ao permitir múltiplas formas de envolvimento do aluno numa tarefa de aprendizagem, ao permitir que o aluno tenha múltiplas formas aceder ao objeto de saber e ao permitir que o aluno se expresse de várias formas, provavelmente diminuirá as barreiras à



presença, participação e sucesso de todos e de cada aluno ao processo de aprendizagem no ensino superior (Lima-Rodrigues & Rodrigues, 2020).

A utilização do DUA como metodologia no ensino superior demonstrou-se valiosa e teve uma avaliação significativamente positiva por parte dos alunos que beneficiaram deste tipo de abordagem.

Em decorrência da pandemia de Covid-19, as constantes variações entre aulas online, aulas presenciais e aulas híbridas foram fonte de angústia e descontentamento por parte dos alunos e dos professores. Utilizar o Desenho Universal para Aprendizagem como metodologia ajudou a motivar os alunos a participar das aulas, mesmo em situações difíceis como as que vivemos. Favoreceu a que os conteúdos fossem apresentados das mais variadas formas e permitiu que os alunos fossem buscar as suas fortalezas e as suas maiores competências para poder demonstrar aquilo que haviam aprendido durante todo o processo.

Como vimos, o Desenho Universal para Aprendizagem não é uma metodologia útil apenas para a escola básica e muito menos exclusivo para a educação de alunos com grandes dificuldades. Mostrou se igualmente valioso para alunos do ensino superior, desde cursos de formação inicial até pós-graduados.

Esperamos que estas breves páginas tragam alguma inspiração para o aprimoramento de metodologias inovadoras no Ensino Superior.

Referências bibliográficas

- Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Setúbal (2012). Regulamento de Frequência e Avaliação. https://www.si.ips.pt/ese_si/LEGISLACAO_GERAL.ver_legislacao?p_nr=2545
- Lima, L. & Liske, L. (2004). Para aprender no ato: técnicas dramáticas na educação. *Ágora*.
- Lima-Rodrigues, L. & Rodrigues, D. (2020). Agenda 2030: desafios da pedagogia inclusiva à educação física. *Quaestio - Revista De Estudos Em Educação*, 22(3), 721–739. <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2020v22n3p721-739>
- Lima-Rodrigues, L. (2017). Formação ativa e expressiva de professores: “bagunçando o coreto” para estimular a inclusão!. *Revista Educação Especial*, 30(59), 709-722. <https://doi.org/10.5902/1984686X28428>
- Lima-Rodrigues, L. (2011). Sociodrama, teacher education and inclusion. In R Wiener, D Adderley & K Kirk (Eds.), *Sociodrama in a Changing World*. UK: Lulu.
- Zerbato, A. P., & Mendes, E. G. (2018). Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. *Educação Unisinos*, 22(2), 147–155. <https://doi.org/10.4013/edu.2018.222.04>